



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Maria Inês Barreto Correia Dias

**(INTER)RELAÇÕES ENTRE MIGRAÇÃO, REDES
SOCIAIS PESSOAIS E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO
E COMUNICAÇÃO:
UM ESTUDO COM MIGRANTES VENEZUELANOS EM
PORTUGAL**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação científica da Professora Doutora Luciana Sotero e do Doutor Cristiano Gianolla e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

julho de 2019

(Inter)Relações entre migração, redes sociais pessoais e tecnologias de informação e comunicação: Um estudo com migrantes venezuelanos em Portugal

Resumo: A migração é um fenómeno complexo, cujo impacto pode perturbar as redes sociais pessoais dos indivíduos e afetar negativamente a sua saúde mental. Atendendo ao contexto pré e pós migratório, a presente investigação tem como principal objetivo contribuir para a compreensão (1) das transformações nas redes sociais pessoais, (2) do tipo e frequência de utilização das TIC's e, por fim, (3) das inter-relações entre as redes e a utilização das TIC's. Neste sentido, o protocolo de investigação, que incluiu o Mapa de Rede Social Pessoal (Sluzki, 1996), um Questionário sobre a Experiência de Migração e um Questionário sobre a Utilização das TIC's na Migração, foi aplicado a uma amostra de 21 migrantes venezuelanos a residir em Portugal há mais de um ano e menos de três anos, com idades superiores a 18 anos. Os resultados da comparação dos mapas de rede pré e pós migração revelaram no pós migração (1) um aumento do tamanho das redes dos migrantes, (2) um aumento no número de elementos no quadrante da família e (3) uma diminuição no quadrante da comunidade. Foi ainda possível verificar que após a migração há um aumento significativo do uso de *sites* de redes sociais, e um ligeiro aumento de chamadas de vídeo e *chat* para comunicar com a rede. Os resultados mostraram ainda uma correlação negativa entre o número de elementos no quadrante da comunidade com a utilização de *SMS*, e uma correlação positiva entre a frequência diária de contactos e a perceção de utilidade das TIC's. Os resultados obtidos são discutidos procurando promover a compreensão das interconexões entre as redes sociais pessoais e a utilização das TIC's no contexto de migração. As limitações identificadas no presente estudo são também apresentadas, sugerindo-se a partir destas, linhas de investigação futuras.

Palavras chave: Migração, migrantes venezuelanos, redes sociais pessoais, tecnologias de informação e comunicação.

(Inter)Relations between migration, personal social networks and information and communication technologies: A study with Venezuelan migrants in Portugal

Abstract: Migration is a complex phenomenon whose impact can disrupt individuals' personal social networks and negatively affect their mental health. Given the pre- and post-migration context, the main objective of this research is to contribute to the understanding of (1) the transformations in personal social networks, (2) the type and frequency of use of ICTs and, finally, (3) the inter-relationships between networks and the use of ICTs. In this sense, the research protocol, which included the Personal Social Network Map (Sluzki, 1996), a Questionnaire on Migration Experience and a Questionnaire on the Use of ICTs in Migration, was applied to a sample of 21 Venezuelan migrants living in Portugal for more than one year and less than three years, aged over 18 years. The results of the comparison of the pre- and post-migration network maps revealed in the post-migration (1) an increase in the size of migrants' networks, (2) an increase in the number of members in the family quadrant and (3) a decrease in the community quadrant. There was also a significant increase in the use of social networking sites, and a slight increase in video calls and chat to communicate with the network after the migration. The results also showed a negative correlation between the number of elements in the community quadrant and the use of SMS, and a positive correlation between the daily frequency of contacts and the perception of usefulness of ICTs. The results obtained are discussed in order to promote the understanding of the interconnections between personal social networks and the use of ICTs in the context of migration. The limitations identified in this study are also presented and future research lines are suggested based on these.

Key Words: Migration, Venezuelan migrants, personal social networks, information and communication technologies.

Agradecimentos

À Professora Doutora Luciana Sotero, pela orientação, carinho, energia e companhia ao longo dos dois últimos anos. É difícil colocar tudo em palavras.

Ao Professor Doutor Cristiano Gianolla, pela orientação e contributos em momentos cruciais.

À Professora Doutora Ana Paula Relvas, pelo empenho e pelos anos de investimento e contributos sem fim na nossa área.

A todos/as os/as elementos da equipa de investigação da Universidade da Madeira, pelo contributo na investigação, esforço e perseverança na recolha da amostra.

À Marlys e ao Ali que me deixaram conhecer um bocadinho das suas vidas e que me foram buscar à estação para que não me perdesse em Vila Franca de Xira. À Carolina, Adolfo e Nelson que mais a sua família, me abriram a porta de casa, me alimentaram, me ofereceram café para não adormecer na viagem de carro de volta, e me deram 3 vidas em que pensar. À Jorgelina, que me abriu as portas para a sua história de vida, e de forma carinhosa se sentou comigo ao longo de algumas horas. À Kelly e à Alexa, que nem pensaram duas vezes quando as convidei para participarem no estudo, apesar do receio de não compreenderem a língua. À Dayanna e ao Jean Carlos, que entre o trabalho e os filhos, conseguiram umas horas para estar comigo. À Yrisaidy, pelo esforço em conciliar horários para que pudéssemos estar juntas. Aos/às restantes participantes da Ilha da Madeira, pela disponibilidade de participação!

Às/aos minhas/meus colegas do mestrado que me deram alento e fizeram comigo este caminho de dúvidas, preocupações e satisfações. Desde a luta com as normas APA à partilha de angústias.

Ao GEFAC, porto de abrigo, que me oferece um espaço de reflexão perante o mundo, e uma mesa grande de madeira onde espalhei os papéis e me orientei. O GEFAC que me ensina e me traz para o aqui e agora.

À Daniela Lourenço, Hannah Kuhn e Nuno Miguel Neves pela presença na reta final. Permitiram que eu mantivesse o foco e serenidade numa fase difícil.

Finalmente, à minha mãe e ao meu pai por me darem tudo e me acompanharem sempre, com compreensão e sem reservas. Não seria quem sou sem eles.

Índice

Introdução	7
1 - Enquadramento conceptual.....	8
1.1. Contributos para a compreensão da migração	8
1.2. As redes sociais pessoais na migração	11
1.3. Tecnologias de informação e comunicação na migração.....	13
2 - Objetivos.....	15
3 - Metodologia.....	15
3.1. Procedimentos de investigação e recolha de amostra	15
3.2. Caracterização da amostra e da experiência de migração	16
3.3. Protocolo de Investigação.....	18
3.3.1. Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares..	18
3.3.2. Questionário sobre a Experiência de Migração.....	18
3.3.3. Mapa de Rede Social Pessoal (Sluzki, 1996)	20
3.3.4. Questionário sobre a Utilização das TIC's na Migração.....	20
3.4. Análises Estatísticas.....	21
4 - Resultados.....	22
4.1. Características estruturais (tamanho, composição, densidade e dispersão) e atributo dos vínculos (frequência de contactos) das redes sociais pessoais	22
4.1.1. Tamanho.....	22
4.1.2. Composição	23
4.1.3. Densidade.....	24
4.1.4. Análise descritiva da dispersão e frequência de contactos na RSP pós migração	25
4.2. Utilidade, frequência e utilização das TIC's na migração	25
4.2.1 A utilidade das TIC's na migração	25
4.2.2. Análise descritiva e comparativa da frequência e tipo de utilização das TIC's no pré e pós migração	27
4.3. Análise da associação entre características das RSP's atuais e a utilidade e frequência da utilização das TIC's	28
5 - Discussão	28
5.2. Limitações e sugestões de estudos futuros	31

6 - Conclusões	32
Bibliografia.....	33
Anexos	38
Anexo A – Carta convite e consentimento informado.....	38
Anexo B – Mapa de Rede Social Pessoal.....	39

Introdução

Em 2017, Portugal registou um crescimento da população estrangeira residente em 6.0%, pelo segundo ano consecutivo (SEF, 2018). No que diz respeito à comunidade venezuelana e luso-venezuelana, os registos mostram novos residentes migrantes da Venezuelana em todos os 20 distritos portugueses, com especial incidência na Ilha da Madeira e distrito de Aveiro (SEFSTAT, 2018). Com o agravamento da crise política, económica e da democracia na Venezuela, o mais recente fluxo migratório familiar na América do Sul aumentou exponencialmente desde 2016 (Uebel & Abaide, 2018). Estes migrantes carregam consigo a perseguição política, fuga do regime ditatorial, a escassez de alimentos, medicamentos e capital do país. A violência estatal, policial e social vivida é um dos motivos que pesa na decisão de migração (Uebel & Abaide, 2018).

Um migrante é uma pessoa que, ao deslocar-se de um local de origem para um local de destino, atravessa uma fronteira e onde a mudança de residência se prevê permanente ou de duração substancial, excluindo assim os trabalhadores pendulares, turistas, visitantes e trabalhadores sazonais (Staszewski, Slomska, Muir, & Jain, 1970). Face ao fenómeno de migração, Sluzki (1998) afirma que este se apresenta de forma frequente, comum, e que inevitavelmente, perturba o grupo social do sujeito. Envolve perdas sociais e psicológicas que culminam num processo de luto: simples quando o migrante consegue efetivar o projeto de migração, ou complicado quando há dificuldade na elaboração das perdas. A elaboração das perdas passa então pela procura de um equilíbrio entre a assimilação do novo contexto e a ressignificação do contexto deixado para trás. É um processo complexo que envolve elaboração, integração, dor e sofrimento (Calvo, 2005) e que é dificultado pela própria migração que perturba as redes sociais pessoais, enfraquecendo as suas estruturas de apoio, suporte emocional, e suporte material (Sluzki, 1998). Consequentemente, as famílias e os seus elementos tornam-se mais vulneráveis ao aumento de *stress* e/ou outras manifestações de tensão (Imber-Black, 1988; Sluzki, 1979). Quando se refere a disrupção das redes, quer dizer-se quebra de determinados laços a que os migrantes podem estar sujeitos, exigindo a construção de uma nova rede (Queiroz, 2008).

A literatura mostra que os efeitos negativos da migração na saúde mental dos migrantes podem ser minorados com o emergir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Estes sintomas (e.g., *stress*, trauma e depressão) surgem de: (1) sofrimento consequente da separação da comunidade do país de origem, e 2) perda de identidade cultural e aculturação no novo lugar (Bacigalupe & Cámara, 2012). As TIC's podem então desempenhar um papel importante no alívio destes sintomas e levar a uma verdadeira transformação daquilo que é a experiência psicossocial de migração e do seu impacto na saúde mental do migrante. Estas distinguem-se pela possibilidade de quebrar as limitações geográficas e temporais que antes impediam a comunicação contínua, e possibilitam agora a manutenção de

contactos do migrante com a sua família e amigos (Bacigalupe & Cámara, 2012).

A comunidade científica designa por *diaspora communication* a comunicação entre migrantes e membros da família, amigos deixados para trás no país de origem e membros da comunidade anfitriã. A sua frequência é tida como crucial durante o processo migratório (Benítez, 2006) e os dispositivos e aplicações das TIC's permitem tornar essa comunicação mais viável.

Apesar dos potenciais benefícios identificados na literatura, Komito (2011) refere que o aumento do uso das TIC's para a manutenção de ligação com a rede que ficou no país de origem, pode desacelerar o processo de inclusão e participação no país de acolhimento. A investigação mostra também alguns problemas associados à utilização das TIC's pelos migrantes, nomeadamente a desigualdade de acesso às TIC's e a baixa confiabilidade perante algumas fontes *online* (Engbersen & Dekker, 2014).

Face aos escassos resultados encontrados na investigação acerca da utilização das TIC's e do seu impacto nas redes sociais dos migrantes, o presente estudo importa pela sua abrangência e possibilidade de, através de uma amostra de migrantes da comunidade luso-venezuelana¹, procurar compreender a inter-relação entre as Redes Sociais Pessoais e as TIC's.

1 - Enquadramento conceptual

1.1. Contributos para a compreensão da migração

As pessoas migram por diversos motivos (e.g., por trabalho, estudo, sobrevivência, pela procura de melhores condições de vida), sozinhas ou em agregados, por vontade própria ou obrigadas (Sluzki, 1979). Contudo, apesar de se ter tornado norma para muitas pessoas, continua a ser um processo longo e com *stress*, não reconhecido pela sociedade como tal (Sluzki, 1992). Este processo obriga muitas vezes à quebra das redes de apoio, de laços com lugares, com pessoas, e com projetos de vida (Sluzki, 1979), e traz mudanças familiares tão duradoras e profundas que acaba por criar uma nova etapa de vida nas famílias que passam por ele (Hernandez & McGoldrick, 1999).

O reajuste a uma nova cultura exige um processo prolongado e afeta famílias durante gerações, dependendo de variados fatores: fase do ciclo vital da família, causas da migração, experiências familiares que levaram à migração, e experiências familiares no novo contexto (Hernandez & McGoldrick, 1999). Interessa também considerar as atribuições das próprias famílias: se as famílias atribuírem motivos positivos à migração, podem evitar ou reprimir sentimentos de perda ou saudade do país de origem. Se, por outro lado, atribuírem motivações negativas (e.g., migrações forçadas pelas circunstâncias), podem permanecer num estado de memória coletiva permanente e luto (Sluzki, 1979).

¹ No presente estudo optou-se por utilizar de forma transversal a terminologia “migrantes venezuelanos” independentemente da nacionalidade ser venezuelana ou luso-venezuelana.

Sluzki (1979) afirma a possibilidade de desenvolver um modelo do processo migratório com um grau razoável de validade transcultural, independentemente dos estilos de *coping* de cada cultura, começando por descrever um conjunto de etapas contempladas na migração. Cada fase tem características distintas, desencadeando diferentes tipos de mecanismos de *coping* familiar, conflitos e/ou sintomas. São elas: 1) fase de preparação, 2) o ato de migração, 3) período de compensação excessiva, 4) período de descompensação ou crise, e 5) impacto transgeracional. A fase de preparação começa com os primeiros passos concretos para migrar (e.g., pedido de visto, ou qualquer ato que mostre intenção de migrar). A duração desta fase varia de acordo com as circunstâncias e, grande parte das vezes, com o estilo familiar, mas é transversalmente descrita como um ato carregado de motivações e conotações, sejam elas positivas (e.g., procurar uma vida melhor) ou negativas (e.g., fugir da opressão política). Apesar da migração ser, normalmente, resultado de uma decisão conjunta, algumas pessoas tendem a ser rotuladas como “responsáveis” (e.g., ir porque o/a companheiro/a pressiona, ir porque o/a filho/a está doente, ir porque o/a companheiro/a tem uma oferta de trabalho). Estas situações podem consolidar papéis e permanecem frequentemente como mitos familiares, ressurgindo durante conflitos ou como “esqueletos no armário” (Sluzki, 1979). Sobre a segunda etapa, o ato da migração, o autor afirma que o modo ou estilo do ato de migração varia consideravelmente. Algumas famílias “quebram pontes”, dando à migração um caráter imutável, e outras afirma que será “apenas por algum tempo”, independentemente de um retorno improvável (e.g., migrar sem planeamento, enviar familiares antes, fazer visitas pontuais prévias ao local de destino). Em suma, a migração é uma transição com poucos ou nenhuns rituais estabelecidos (Falicov & Karrer, 1976). Na maioria das culturas e circunstâncias, os migrantes são encarregues de lidar com o ato doloroso da migração apenas com os seus próprios rituais (Falicov, 2002; Sluzki, 1979), considerados por Falicov (2002) como espontâneos e que podem funcionar como fatores de proteção e resiliência na família. A terceira fase, o período de compensação excessiva, corresponde às semanas e meses imediatamente a seguir à migração. Não é nesta fase que o *stress* migratório tem maior impacto, pelo contrário, os migrantes desconhecem, frequentemente, a dimensão *stressante* e o seu impacto cumulativo. A prioridade, nesta fase, passa pela sobrevivência e satisfação das necessidades básicas, sendo normal observar níveis elevados de foco e atenção, enquanto que possíveis conflitos e sintomas tendem a permanecer latentes. A única característica observável pode ser o ligeiro exagero de regras e estilos familiares anteriores (Sluzki, 1979). O período de descompensação ou crise é marcado por conflitos e dificuldades e pela principal tarefa de quem migra: reformular a realidade dando continuidade à identidade da família e procurando compatibilidade com o novo contexto, uma tarefa de equilíbrio, complexa, dolorosa e inevitável. É nesta altura que o sistema se pode desorganizar, se se mantiver rígido na atribuição de papéis que fez no início do processo. Todavia, algumas famílias conseguem fazer o luto do que ficou para trás e criar, de forma integrada, uma mistura de velhas e novas regras, modelos e hábitos que constituirão a sua nova realidade. Para estas famílias, o lado positivo da experiência supera a

dimensão disruptiva do *stress* e emergem do processo com novas forças individuais e coletivas. Noutras famílias, o que ficou para trás no país de origem pode tornar-se cada vez mais idealizado ou menosprezado, dificultando a adaptação e o luto (Sluzki, 1979). Por fim, a última etapa corresponde ao impacto transgeracional. As famílias transmitem não só as normas e costumes da sua cultura, mas também os estilos, modos, valores e mitos específicos que constituem uma visão específica da família e da sua história. Compreende-se então que algum bloqueio que possa ter acontecido no processo de adaptação da família, poderá surgir na geração seguinte, geralmente através de um conflito entre gerações (Sluzki, 1979).

O cruzamento entre o ciclo vital da família e as fases inerentes ao processo migratório, de uma forma ou de outra, trazem à população migrante perdas, ganhos e o acumular de transições esperadas e inesperadas, de ordem física, social e/ou cultural, através da interseção de fases dos dois ciclos (e.g., eventos esperados que não podem ser partilhados por aqueles que ficam e os que partem, como por exemplo, o envelhecimento e/ou morte de um familiar) (Falicov, 2011). Em suma, há uma vivência do impacto da migração e da transição cultural simultânea e intercalada com o ciclo vital da família (Hernandez & McGoldrick, 1999).

A idade no momento da migração, as fases de desenvolvimento da pessoa e ciclo de vida, e a duração da estadia no país de destino alteram a forma como a migração é construída, porém, esta não se torna necessariamente mais fácil ou mais difícil de acordo com as fases, sendo apenas processada de forma diferente (Falicov, 2011). Por exemplo, os jovens adultos apresentam um grande potencial de adaptação a novas culturas (e.g., facilidade na procura de emprego e no estabelecer de relações). Porém, estão simultaneamente mais suscetíveis a um eventual *cut-off* com as suas origens, e conseqüentemente vulneráveis a um isolamento emocional em fases posteriores do ciclo vital quando surge a necessidade de um aumento de suporte e identificação cultural (Gelfand & Kutzik, 1979). Por sua vez, em casais jovens, o nível de adaptação varia podendo originar situações de conflito. A falta de apoio social direciona cada elemento do casal a tornar-se mais dependente do outro, abrindo espaço para um maior isolamento e sobrecarga em cada elemento. Muitos casais descrevem o processo como uma permanente crise interna e externa, potenciando sentimentos de caos e influenciando negativamente a autoestima e harmonia da relação (Hernandez & McGoldrick, 1999). Já em famílias com filhos/as, pode estar latente uma inversão hierárquica de papéis e de poder entre os subsistemas parental e filial. Apesar de haver um maior apoio por serem mais elementos, se a família migra com crianças pequenas, há uma probabilidade de aculturação² mais lenta por parte da diáde parental do que com as respetivas crianças (Lappin & Scott, 1982). Uma vez que, tendencialmente, as crianças integram um novo contexto

² A aculturação é tradicionalmente definida como o processo de adaptação de um indivíduo proveniente de um contexto cultural (frequentemente uma nacionalidade ou grupo étnico diferente) a um novo contexto cultural (Bacigalupe & Cámara, 2012); é um processo não linear que inclui múltiplas possibilidades de aprendizagem, negociação e adaptação às crenças e valores da nova cultura (Hernandez & McGoldrick, 1999).

escolar, estas estão mais expostas à nova língua e à educação formal sobre a história e os valores dominantes do novo país (Hernandez & McGoldrick, 1999). Desta forma, aumenta a possibilidade de colocar em causa a liderança parental, enfraquecendo a autoridade efetiva (Falicov, 2017) para apoiar as crianças e cimentar uma identificação cultural numa fase de adaptação a uma nova cultura (McGoldrick & Giordano, 1996). Se atendermos a famílias com filhos/as adolescentes, as premissas tendem a mudar. Os adolescentes envolvem-se mais com a cultura dos seus pares, e adotam posturas de maior confronto com a díade parental, exigindo mais liberdade (Hernandez & McGoldrick, 1999), simultaneamente ao aumento de restrições por parte do par parental (Falicov, 2017). Os conflitos étnicos tornam-se uma fonte de diferenças familiares à medida que começam a construir e reformular a sua identidade, questionando os valores e as expectativas dos papéis de ambas as culturas. Uma questão frequente é a pressão que os adolescentes, para se sentirem integrados, impõem aos pais, o que pode incluir a posse de bens materiais que demonstrem estatuto social (Hernandez & McGoldrick, 1999). Finalmente, e no que refere a famílias no último estágio do ciclo de vida familiar, importa considerar que estes elementos familiares estão a deixar muito das suas vidas para trás, apresentando simultaneamente um ritmo mais lento de aculturação e maior dificuldade a aprender e negociar novas situações. Há, comumente, as tensões habituais da fase do ciclo (e.g., viuvez, medo de dependência, lidar com o desgaste físico e mental) que exigem apoio familiar, ajustes e, dentro do contexto de migração, um maior esforço de reorganização (Hernandez & McGoldrick, 1999).

1.2. As redes sociais pessoais na migração

Conforme previamente introduzido, durante a migração acontecem alterações importantes ao nível das relações interpessoais do sujeito que migra. As relações interpessoais, com familiares, amigos, e colegas refletem a rede social do indivíduo. As redes sociais pessoais (RSP's) podem então ser definidas como o conjunto de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas e/ou define como distintas da “massa anónima da sociedade” (Sluzki, 1996, p. 42). A rede é composta pelo nicho interpessoal do indivíduo e cumpre um papel relevante para o seu reconhecimento como pessoa e respetiva auto-imagem. É um ponto crucial na experiência individual de identidade, bem-estar, competência e protagonismo, desde hábitos e cuidados de saúde à capacidade de adaptação em situações de crise (Sluzki, 1996).

Se, por um lado, laços significativos podem causar constrangimentos (impostos pelas próprias ligações) (Barnes, 1972), por outro lado, permitem a criação de respostas às necessidades e interesses dos elementos da rede (Alarcão & Sousa, 2007). Havendo evidências de que uma RSP estável e ativa protege a pessoa (e.g., atuando como apoio, interferindo com a velocidade do uso de serviços de saúde, e/ou acelerando processos de cura, e/ou aumentando a sobrevivência) (Sluzki, 1996), é importante ter em consideração a nova RSP que surge durante o processo migratório.

Desenvolvido por Sluzki (1996), o Mapa de Rede Social Pessoal é um

instrumento que permite avaliar e traçar as RSP's. Trata-se de uma ferramenta versátil passível de ser utilizada em vários contextos (e.g., saúde física e reabilitação, saúde mental) com diferentes finalidades (e.g., intervenção, avaliação, investigação). Assim, conhecer as características estruturais (e.g., tamanho, densidade, composição, dispersão), e funcionais (e.g., companhia social, apoio emocional) das redes possibilita refletir sobre formas de apoiar indivíduos, particularmente quando se trabalha com grupos socialmente isolados e/ou bloqueados na sua capacidade de gerir adversidades (Alarcão & Sousa, 2007). Podemos então entender que o acesso a novas pessoas se apresenta valioso em situações de crise, favorecendo o emergir de respostas e soluções (Alarcão & Sousa, 2007), e contribuindo para a capacidade de adaptação de um indivíduo (Sluzki, 1996).

Se a migração for entendida como uma situação de crise, e atendendo à importância da RSP na vida de qualquer um de nós, pode ser relevante a sua consideração e compreensão neste contexto particular. Neste sentido, uma crise “corresponde a uma situação em que está perturbada a adaptação e o equilíbrio interno ou externo de um sistema ou de um indivíduo” (Alarcão, 2006, p. 344), podendo esta ser normativa e esperada, ou acidental e inesperada, fruto de um conjunto de acontecimentos imprevisíveis (Alarcão, 2006). Durante o processo migratório, o indivíduo deixa para trás a maior parte dos elementos da sua rede, criando perturbações nas dimensões emocional e funcional da rede, ao mesmo tempo que surge a necessidade de adaptação a um novo ambiente. Esta adaptação inclui esforços para restaurar vínculos perdidos durante o processo de migração, e restabelecer a satisfação das necessidades interpessoais (Sluzki, 1996) com eventuais novos contactos que surgem no país de acolhimento e ajustes a um novo contexto físico, institucional e sociocultural (Sousa & Alarcão, 2007). Queiroz, (2008), no âmbito de um estudo qualitativo com nove famílias migrantes, conclui que a formação de novas redes pode ser fundamental para a aceitação do local de destino. Este mesmo estudo refere ainda que as famílias que conseguem estabelecer redes mais próximas podem adaptar-se melhor ao novo local (Queiroz, 2008). Um outro estudo português sobre migrantes de Leste concluiu a este respeito que em termos da composição do Mapa de Rede, o quadrante da família é o que apresenta um maior número de elementos apesar do contexto de migração (Sousa & Alarcão, 2007).

Apesar destes dois estudos focarem a análise dos mapas de rede de migrantes (Queiroz, 2008; Sousa & Alarcão, 2007), as investigações sobre as RSP's em contexto de migração são, contudo, escassas. Bilecen, Gamper, e Lubbers (2018) referem ainda que a ausência da análise das redes sociais nos estudos sobre migração deixou por explorar, em certa medida, a forma como as redes são compostas e estruturadas, como evoluem ao longo do tempo, e que recursos trazem, de tal modo que os resultados obtidos foram frequentemente assumidos ao invés de empiricamente investigados.

Em síntese, a construção e manutenção da RSP é um processo permanente, coletivo e individual, sendo a rede um sistema dinâmico em que os indivíduos saltam de quadrante em quadrante de acordo com o tipo de relação que estabelecem com o indivíduo. Em situações de migração surge então um novo mapa de rede contendo habitualmente indivíduos da rede

anterior, indivíduos que migram juntos e acompanham o processo de migração e novos indivíduos cujas ligações surgem com a migração. Importa também sublinhar que, inicialmente, a nova rede tenderá a ser insuficiente no cumprimento das suas funções (e.g., ao nível do suporte) podendo assim propiciar o surgimento de crises interpessoais e individuais (Sluzki, 1996).

1.3. Tecnologias de informação e comunicação na migração

As tecnologias de informação e comunicação (TIC's) potenciam a criação de novos cenários de interação e reajustes nos modelos relacionais atuais (Bacigalupe & Lambe, 2011). As TIC's ganham então utilidade na *diaspora communication* por oferecerem a oportunidade de transformar a comunicação em momentos virtuais com elementos da RSP que ficaram no país de origem, por permitir a criação de grupos de partilha de informações, ou mesmo por facilitar a construção de comunidades virtuais (Brinkerhoff, 2009).

De acordo com a literatura, os migrantes usam telemóveis, mensagens de texto, *e-mails*, mensagens instantâneas *online* e aplicações de videochamada a fim de estabelecer ligação com elementos da sua rede no país de origem e falarem dos mais variados assuntos (e.g., desde meteorologia a nascimentos de elementos da família) (Bacigalupe & Lambe, 2011). As TIC's permitem assim que elementos geográfica e fisicamente distantes possam “participar” em eventos do migrante, facilitando uma intimidade que antes não seria possível (Bacigalupe & Parker, 2017). A literatura indica também que, para alguns migrantes, o conteúdo comunicado não tem tanto peso quanto a função social e emocional da comunicação (Madianou & Miller, 2013).

Relativamente ao uso das TIC's por migrantes, a investigação permite-nos perceber a existência de duas grandes áreas de utilização das TIC's: (1) manutenção da ligação ao país de origem e (2) adaptação e inclusão no país de acolhimento (Acharya, 2016). Os migrantes enfrentam um conjunto de desafios e obstáculos no país de origem, desde a barreira linguística, à procura de emprego e falta de ligações na nova comunidade (Acharya, 2016). Assim, o uso das TIC's na manutenção da ligação ao país de origem apresenta-se como um mecanismo para lidar com e ultrapassar estes desafios (Acharya, 2016). Podemos desdobrar este apoio em variadas dimensões: compensação perante a falta de ligações no país de acolhimento (Mesch, 2012); preenchimento de um vazio relacional, emocional e social (Bacigalupe & Lambe, 2011) criando estabilidade emocional (Bacigalupe & Cámara, 2012); manutenção de relações independentemente da distância geográfica (Bacigalupe & Cámara, 2012). Esta ligação pode então permitir a redução de *stress*, atenuar o sentimento de perda, e aliviar a saudade (Acharya, 2016).

Komito (2011) também argumenta que a combinação de várias TIC's pode suportar uma co-presença (presença ambiente). A co-presença pode ser comparada ao ruído de fundo de uma sala, que ajuda na manutenção do fluxo de informações (Komito, 2011). Esta, cria uma sensação de intimidade e proximidade quando o indivíduo comunica com elementos que vivem geograficamente longe (Engbersen & Dekker, 2014). A co-presença, criada através de um espaço virtual partilhado, permite que o indivíduo tenha uma

consciência contínua dos outros (Ito & Okabe, 2005) e possibilita que existam elementos com papéis importantes (e.g., em tomadas de decisão) que não residam geograficamente perto do migrante (Bacigalupe & Cámara, 2012). As TIC's vieram permitir a participação em várias dimensões da comunidade e país de origem, superando a distância geográfica (Komito, 2011).

No que importa à adaptação e inclusão no país de acolhimento, outra área que motiva a utilização das TIC's, a investigação mostra variadas vantagens: (1) participação e integração no novo ambiente (Tsai, 2006); expansão da RSP e diminuição do isolamento social no país de acolhimento (Mesch, 2012); (2) acesso a informações de saúde confiáveis (Selsky, Luta, Noone, Huerta, & Mandelblatt, 2013); (3) pesquisa de informações e serviços de apoio (Alam & Imran, 2015); (4) participação na vida política do novo país (Spaiser, 2013); (5) vincular e criar novas ligações que facilitem a integração (Engbersen & Dekker, 2014); (6) aumento da independência (Khvorostianov, Elias, & Nimrod, 2012); (7) estabelecer e manter raízes étnicas e socioculturais que trazem novas oportunidades e sensação de pertença (Benítez, 2006).

Não obstante, existem desafios face à utilização das TIC's (Acharya, 2016) e a comunicação pode apresentar-se como limitada devido à barreira linguística, causando uma sensação de perda. Há, porém, investigadores que indicam que a aprendizagem de línguas através das TIC's pode facilitar a introdução à vida no país de acolhimento (Muñoz, Colucci, & Smidt, 2018). Importa ainda referir a disparidade existente na utilização das TIC's por parte dos migrantes, a qual é originada por diversos fatores, tais como: a capacidade financeira para adquirir dispositivos (Haight, Quan-Haase, & Corbett, 2014); residir em áreas com pouco acesso à rede (Vernon, Deriche, & Eisenhauer, 2016); e falta de habilidades e conhecimentos (Dewan & Riggins, 2005).

Apesar das vantagens atrás referidas, há autores que defendem que o uso das TIC's não é sempre benéfico quando se trata de criar novas ligações no novo país, sugerindo que, pela facilidade de manter vínculos com as suas origens e participação na comunidade em que cresceram, os migrantes enfrentam obstáculos no processo de inclusão no local de acolhimento (Komito, 2011). Ou seja, a facilidade na manutenção dos contatos com o país de origem pode diminuir a motivação para estabelecer novas relações, reduzindo assim o grau de inclusão (Komito, 2011). Brekke (2008) defende que, enquanto usam as TIC's, os migrantes não dependem tanto do desenvolvimento de novos relacionamentos, pois mantêm a sua vida social dentro da comunidade de origem. A possibilidade de preservar o contacto com a família e continuar a viver a identidade cultural pode influenciar a necessidade de estabelecer novos laços na comunidade de acolhimento (Komito, 2011).

Em suma, a revisão da literatura efetuada permitiu perceber que existe uma lacuna na investigação que cruze as RSP's e as TIC's, e que procure compreender no contexto migratório as transformações que ocorrem nas RSP's, explorando o contributo das TIC's na alteração e/ou manutenção das RSP's.

2 - Objetivos

Propondo como método de recolha de dados o Mapa de Rede Social Pessoal (Sluzki, 1996), e tendo por base uma amostra de migrantes venezuelanos a residir em Portugal, o objetivo geral deste trabalho é contribuir para a compreensão no contexto migratório: (1) das transformações nas RSP's pré e pós migração, (2) do tipo e frequência de utilização das TIC's pré e pós migração e, por fim, (3) das inter-relações entre as RSP's e a utilização das TIC's. Assim, no âmbito da presente investigação pretende-se especificamente:

1. Analisar descritivamente as características estruturais (tamanho, composição, densidade, dispersão) e o atributo dos vínculos (frequência de contactos) das RSP's pré e pós migração;
2. Comparar as características estruturais das RSP's pré e pós migração (tamanho, composição e densidade);
3. Analisar descritivamente a utilidade, frequência e utilização das TIC's pré e pós migração;
4. Comparar a frequência de utilização e o tipo de utilização das TIC's pré e pós migração;
5. Correlacionar características das RSP's atuais (tamanho, composição, dispersão e frequência de contactos) e a utilidade e frequência da utilização das TIC's.

3 - Metodologia

Nesta secção encontram-se a descrição dos procedimentos de investigação e recolha da amostra, a caracterização da mesma e da respetiva experiência de migração, a descrição do protocolo de investigação utilizado, e das análises estatísticas utilizadas.

3.1. Procedimentos de investigação e recolha de amostra

O presente estudo integra um projeto de investigação mais abrangente intitulado “Comunidade Luso-Venezuelana em Portugal: Uma perspetiva macro, meso e micro sistémica dos processos de adaptação dos movimentos migratórios” em desenvolvimento por uma equipa de investigação composta por três elementos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC), cinco da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira (FAH), e um elemento do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES).

Numa fase preparatória do presente estudo, dois dos elementos da equipa de investigação pertencentes à FPCEUC e ao CES participaram no *workshop* “*How can Science and Technology Studies (STS) help to reflect on the political crisis associated with refugees and asylum seekers?*” (realizado de 26 a 28 de setembro de 2018), com o objetivo de apresentar o desenho do presente projeto de investigação de mestrado, e receber assim *feedback* de outros/as investigadores/as na área STS sobre o estudo. Após a receção desses

contributos, a equipa de investigação definiu então os critérios de inclusão da amostra e o protocolo de investigação. De forma a abranger migrantes do recente fluxo migratório familiar na América do Sul (Uebel & Abaide, 2018), foram definidos como critérios de inclusão: (1) ser migrante venezuelano ou luso-venezuelano, (2) ter idade superior a 18 anos, e (3) residir em Portugal há menos de três anos e mais de um ano. O processo de elaboração do protocolo de investigação implicou a construção e desenvolvimento: (1) de um questionário sociodemográfico e de dados complementares, (2) de um questionário sobre a experiência de migração, (3) de um guião com instruções para a aplicação do Mapa de Rede Social Pessoal (Sluzki, 1996), (4) de uma grelha complementar de caracterização dos elementos registados nos mapas, e finalmente (5) de um questionário sobre a utilização das TIC's no contexto de migração.

Após a definição do protocolo iniciou-se a recolha da amostra de conveniência através da divulgação do estudo em *sites* de redes sociais e contactos pessoais dos/as investigadores/as (entre março e maio de 2019). A equipa de investigação foi contactada diretamente por alguns migrantes venezuelanos que participaram e/ou disponibilizaram contactos de amigos e/ou familiares. A aplicação do protocolo, com a duração entre uma a duas horas, foi realizada em casa dos participantes ou locais públicos, de acordo com a preferência de cada um, e aplicado em português e castelhano. Cada participante leu uma carta convite com a apresentação dos objetivos do estudo e assinou um consentimento informado (cf. Anexo A), tendo sido reservado espaço para o esclarecimento de dúvidas, e garantida a confidencialidade e anonimato no tratamento dos dados.

Antes de se iniciar o processo de recolha de dados, na Ilha da Madeira e em Portugal Continental, foi realizada uma formação inicial (que decorreu entre janeiro e março de 2019) composta por três momentos (componente teórica, prática e momento de discussão), com o objetivo de solidificar bases teóricas, uniformizar a aplicação de instrumentos, e discutir as linhas base da investigação. Perante a distância geográfica entre os elementos da equipa de investigação, e com o propósito de potenciar uma comunicação fluída e organizada entre os mesmos, foi criado um *e-mail*, que mais tarde foi disponibilizado a todos/as os/as participantes do estudo. Até ao fim da recolha da amostra e após a formação inicial, a equipa de investigação reuniu virtualmente com uma frequência quinzenal.

3.2. Caraterização da amostra e da experiência de migração

Conforme é possível verificar na Tabela 1, participaram neste estudo 21 migrantes. A amostra é composta por 11 sujeitos que se identificam com o género feminino (52.4%) e 10 com o género masculino (47.6%), com idades compreendidas entre os 22 e 70 anos ($M = 33.67$; $DP = 11.76$). No que se refere à situação relacional dos sujeitos, nove encontram-se solteiros/as (42.9%) e 12 têm parceira/o (57.1%); 14 sujeitos não têm filhos/as (66.7%), e sete têm entre um a três filhas/os (33.3%). Oito têm nacionalidade venezuelana (38.1%), e 13 têm dupla nacionalidade (luso-venezuelana) (61.9%); 11 residentes em Portugal Continental (52.4%) (distribuídos entre a zona centro

e sul do país), e 10 residentes na Ilha da Madeira (47.6%). O nível de ensino da amostra é variado, um sujeito tem o ensino primário completo (4.8%), nove

Tabela 1

Caraterização da amostra

Variáveis Sociodemográficas	Categorias	Amostra Total	
		N	%
Género	Feminino	11	52.4
	Masculino	10	47.6
Grupo etário	21 – 30	11	52.4
	31 – 40	6	28.6
	41 – 50	2	9.5
	51 – 60	1	4.8
	61 – 70	1	4.8
Situação relacional	Solteiro	9	42.9
	Em relacionamento	5	23.8
	Casado/união	7	33.3
Filhos	Com filhos	7	33.3
	Sem filhos	14	66.7
Nacionalidade	Venezuelana	8	38.1
	Dupla nacionalidade	13	61.9
Localidade	Portugal Continental	11	52.4
	Ilha da Madeira	10	47.6
Nível de ensino	Ensino primário	1	4.8
	Ensino secundário	9	42.9
	Ensino superior	10	47.6
	Outro	1	4.8
Situação laboral atual	Estudante	2	9.5
	Empregado a tempo parcial	3	14.3
	Empregado a tempo integral	12	57.1
	Desempregado	3	14.3
	Outro	1	4.8
Profissão pré e pós-migração	Mudou	10	47.6
	Não mudou	11	52.4
Língua predominante	Espanhol	10	47.6
	Português	2	9.5
	Ambas	9	42.9
Religião	Católica	17	81.0
	Nenhuma	3	14.3
	Outra	1	4.8

sujeitos têm o ensino secundário completo (42.9%), e 10 têm um grau do ensino superior concluído (47.6%). Atualmente a maioria dos sujeitos encontra-se empregada ($n = 15$, 71.4%), havendo apenas três sujeitos desempregados/as (14.3%) e dois estudantes (9.5%). Quanto à profissão exercida pré e pós migração, 10 sujeitos mudaram de profissão (47.6%) e 11 mantiveram a profissão (52.4%). Sobre a língua em que falam predominantemente, 10 referem comunicar em espanhol (47.6%), nove em ambas as línguas, português e espanhol (42.9%), e apenas dois dos sujeitos inquiridos revelam comunicar predominantemente em português (9.5%). Por fim, no que concerne à prática religiosa, a maioria das/os migrantes identifica-se com a religião católica ($n = 17$, 81.0%) (cf. Tabela 1).

Relativamente à experiência de migração dos sujeitos, conforme é possível verificar na Tabela 2, sete sujeitos migraram para Portugal entre 12 e 18 meses (33.3%), 12 entre 18 e 30 meses (57.2%), e dois entre 30 a 36 meses (9.5%). Antes do processo migratório, sete migrantes nunca tinham visitado Portugal (33.3%), 11 visitaram entre uma a cinco vezes (52.3%), e três visitaram Portugal mais de cinco vezes (14.4%). Quando migraram, seis sujeitos vieram sozinhas/os (28.6%), 14 fizeram a viagem com familiares (66.7%), e um veio com amigos (4.8%). Sobre a frequência de contactos com quem ficou na Venezuela, nove migrantes contactam diariamente esses elementos (42.9%), 11 mantêm contacto semanal (52.4%), e apenas um mensalmente (4.8%). Vinte sujeitos têm familiares em Portugal (95.2%), havendo apenas um que não tem (4.8%). A maioria da amostra considera a insegurança na Venezuela como motivo da migração ($n = 18$, 85.7%), e para o motivo da escolha do país de destino, mais de metade dos sujeitos entrevistados aponta ter família em Portugal ($n = 14$, 66.7%) (cf. Tabela 2). O somatório final das percentagens das categorias das variáveis “Motivo(s) da migração” e “Motivo(s) da escolha do país de destino” não perfaz o valor 100% uma vez que a cada inquirido foi dada a possibilidade de seleccionar múltiplas opções.

3.3. Protocolo de Investigação

3.3.1. Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

Elaborado pela equipa de investigação, o Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares procura reunir um conjunto de informação com o objetivo de avaliar o perfil de cada migrante. Do questionário consta o pedido das seguintes informações: género com que se identifica, idade, situação relacional atual, número de filhos, nacionalidade, localidade de residência, nível de ensino, situação laboral atual, profissão pré e pós migração, língua em que comunica predominantemente, e religião.

3.3.2. Questionário sobre a Experiência de Migração

O Questionário sobre a Experiência de Migração foi construído pela equipa de investigação com o intuito de explorar a experiência de migração de cada sujeito entrevistado. Constituído por um conjunto de questões de

resposta aberta, o questionário permite caracterizar a experiência de migração

Tabela 2

Caraterização da experiência de migração

Variáveis	Amostra Total	
	N	%
Tempo de estadia em Portugal (em anos)		
1.0 – 1.5	7	33.3
1.5 – 2.0	6	28.6
2.0 – 2.5	6	28.6
2.5 – 3.0	2	9.5
Vinda(s) a Portugal pré-migração		
Nenhuma	7	33.3
1 – 5	11	52.3
Mais de 5	3	14.4
Com quem migrou		
Sozinha/o	6	28.6
Familiares	14	66.7
Amigos/as	1	4.8
Frequência de contactos com quem ficou na Venezuela		
Diariamente	9	42.9
Semanalmente	11	52.4
Mensalmente	1	4.8
Presença de familiares em Portugal		
Sim	20	95.2
Não	1	4.8
Motivo(s) da migração		
Razões económicas	10	47.6
Insegurança na Venezuela	18	85.7
Razões políticas	8	38.1
Razões de saúde	10	47.6
Escassez de alimentos	11	52.4
Outro (e.g., pressão familiar)	11	52.4
Motivo(s) da escolha do país de destino		
Ter cidadania	3	14.3
Conhecer a língua	1	4.8
Ter origem portuguesa	6	28.6
Ter família em Portugal	14	66.7
Já conhecer o país	1	4.8
Outra (e.g., perceção de liberdade ³)	1	4.8

³ Exemplo de resposta: “Não queria um país onde ficasse presa, podendo voltar para a Venezuelana a qualquer momento.”

a partir da avaliação das seguintes variáveis: tempo de estadia em Portugal, vinda(s) a Portugal pré-migração, com quem migrou, frequência de contactos com quem ficou na Venezuela, presença de familiares em Portugal, motivo(s) da migração, e motivo(s) da escolha do país de destino. As respostas às variáveis “motivo(s) da migração” e “motivo(s) da escolha do país de destino” foram posteriormente categorizadas em função dos dados recolhidos.

3.3.3. Mapa de Rede Social Pessoal (Sluzki, 1996)

O Mapa de Rede Social Pessoal foi desenvolvido por Sluzki (1996), e permite o registo de elementos significativos, identificados pelo sujeito, distribuídos por quatro quadrantes (família, amigos, relações de trabalho/estudo, relações comunitárias⁴) e três círculos concêntricos (círculo interior de relações íntimas, círculo intermédio de relações com menor grau de compromisso, e círculo exterior de conhecidos e relações ocasionais) (cf. Anexo B). É então uma ferramenta de avaliação, intervenção e investigação sistémica que permite mapear a rede social de uma pessoa de acordo com um conjunto de características estruturais: tamanho, densidade e composição.

Na presente investigação, a construção do mapa teve como suporte um conjunto de instruções elaboradas pela equipa de investigação por forma a facilitar o preenchimento do instrumento. Em primeiro lugar foi pedido que ao sujeito que identificasse as pessoas que são significativas para si, independente de considerar a relação positiva ou negativa. Depois foi pedido que distribuisse as pessoas que identificou pelos quatro quadrantes, tendo em conta o tipo de ligação predominante e o grau de intimidade que tem com elas. Finalmente foi solicitado que ligasse através de uma linha, as pessoas que se conhecem entre elas, independentemente de si. Neste estudo foram construídos com cada um dos participantes dois mapas de rede: (1) um mapa de rede considerando os 12 meses antes da migração (mapa pré migração) e (2) um mapa da rede atual considerando os últimos 12 meses (mapa pós migração).

Inspirada no Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal – Revisto (IARSP-R) (Alarcão, Abreu & Sousa, *s.d.* citado em Alarcão & Sousa, 2007) foi ainda criada uma grelha complementar, Grelha de Composição dos Mapas de Rede, com o objetivo de descrever informação detalhada sobre cada um dos elementos identificados pelo sujeito (e.g., se pertence ao mapa pré migração, ao mapa pós migração ou a ambos, idade, género, profissão, a que distância vive do sujeito).

3.3.4. Questionário sobre a Utilização das TIC's na Migração

Este questionário também foi elaborado pela equipa de investigação com o propósito de avaliar a utilização das TIC's. Desta forma, o questionário é composto por um conjunto de questões, designadamente: cinco questões de

⁴ O quadrante das relações comunitárias pode dividir-se em dois, abrindo a possibilidade de haver uma representação de elementos da comunidade e elementos vizinhos. Para efeitos da presente investigação, consideraremos essa divisão.

resposta aberta sobre a utilização e utilidade das TIC's pré e pós da migração; duas questões de resposta do tipo *Likert*, indicando numa escala de 1 a 5 a medida em que as TIC's foram úteis no processo de migração, e na inclusão e adaptação no país de destino; e três questões de resposta fechada, onde o sujeito indica o tipo de TIC's⁵ e respetiva frequência de comunicação com a rede pré e pós migração.

Depois de avaliados os resultados obtidos, foram criadas categorias para as perguntas de resposta aberta. No presente estudo foram usados na análise os dados obtidos nas questões de resposta fechada, nas questões de resposta do tipo *Likert*, e em três das questões de resposta aberta (se a utilização das TIC's mudou antes e depois da migração e quais as TIC's e de que forma foram úteis no processo de migração).

3.4. Análises Estatísticas

O registo, processamento e análise estatística dos dados recolhidos foram realizados com recurso ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23.

Para a construção da base de dados, após a inserção dos mesmos, foram recodificadas determinadas variáveis com o objetivo de permitir uma análise quantitativa e o tratamento dos dados. De seguida, foi verificada a presença de *missing values*, não controláveis pelo investigador (e.g., lapso dos inquiridos), ou seja, fatores aleatórios (Pallant, 2005). Procedeu-se então ao tratamento desses valores, que foram recodificados através do *software* estatístico utilizado.

Posteriormente foram realizadas análises estatísticas descritivas com a finalidade de caracterizar a amostra e a experiência de migração. Para ambas as caracterizações foi necessário o agrupamento de variáveis (i.e., idade, profissão pré e pós-migração, tempo de estadia em Portugal, vinda(s) a Portugal pré-migração). Para a idade foram criados cinco grupos etários (21-30; 31-40; 41-50; 51-60; 61-70), com base nas idades dos/as participantes e intervalos iguais; para a profissão foi feita uma comparação entre a profissão antes e depois e criada uma nova variável indicando apenas se mudou ou não; o tempo de estadia em Portugal foi dividido em quatro intervalos de anos (1.0-1.5; 1.5-2.0; 2.0-2.5; 2.5-3.0).

Depois, foi realizada uma análise descritiva das características estruturais (tamanho, composição, densidade e dispersão) e atributo dos vínculos (frequência de contactos) das redes dos migrantes inquiridos. De seguida foi efetuada uma análise comparativa entre o pré e pós migração do tamanho, composição e densidade das redes.

Num momento posterior, e de forma semelhante às análises anteriores, foi realizada uma análise descritiva das medidas de utilidade (durante o processo de migração, e no período de adaptação e inclusão ao país de origem), da frequência, e da utilização das TIC's. Após a descrição, foi feita

⁵ Nesta variável será incluída e considerada, ao longo do presente estudo, a categoria “presencialmente” por se apresentar também como uma via de comunicação utilizada pelos migrantes inquiridos.

uma comparação da frequência de utilização e tipo de utilização das TIC's pré e pós migração.

Finalmente, foram realizadas correlações entre as características estruturais e atributo dos vínculos (i.e., tamanho, composição, dispersão e frequência de contactos) dos mapas de rede pós migração, e as medidas de utilidade e frequência de utilização das TIC's.

Devido à dimensão reduzida da amostra ($n = 21$), optou-se pela utilização de testes não-paramétricos, tendo sido efetuado o teste de *Wilcoxon*, e o teste de correlação de *Spearman*, para as análises comparativas e de correlação, respetivamente, após a verificação dos pressupostos (Pallant, 2005). Numa fase posterior foram realizados os testes paramétricos equivalentes (teste *t* para amostras emparelhadas e teste de correlação de *Pearson*), tendo-se optado por reportar os resultados dos testes paramétricos, sempre que os resultados permaneceram inalterados em ambas as análises.

4 - Resultados

Os resultados estão apresentados de acordo com três níveis distintos de análise. O primeiro nível retrata descritivamente as características estruturais (tamanho, composição, densidade e dispersão) e atributo dos vínculos (frequência de contactos) das redes dos migrantes inquiridos pré e pós migração. A par da análise descritiva, são também apresentados os resultados da análise comparativa do tamanho, composição e densidade dos mapas de rede pré e pós migração.

O segundo nível de análise revela, por sua vez, uma descrição da utilidade (pré e pós migração), da frequência, e da utilização das TIC's. Este nível de análise culmina com a apresentação dos resultados relativos à comparação entre a frequência e o tipo de utilização das TIC's pré e pós migração.

Por fim, o terceiro nível de análise aborda a associação entre as características estruturais e atributo dos vínculos das redes atuais (pós migração) e a utilidade e frequência de utilização das TIC's.

4.1. Características estruturais (tamanho, composição, densidade e dispersão) e atributo dos vínculos (frequência de contactos) das redes sociais pessoais

Para uma melhor compreensão conceptual dos resultados, a Tabela 3 apresenta uma definição sumária das características estruturais da rede social pessoal e do atributo dos vínculos analisados.

4.1.1. Tamanho

4.1.1.1. Análise descritiva e comparativa do tamanho da RSP pré e pós migração

No pré migração, o tamanho médio da rede dos inquiridos é de 18.81 elementos, variando entre 8 e 41 ($DP = 8.97$). Tendo como referência os

estudos que indicam que o número de indivíduos que compõe uma rede média varia entre 13 e 20 elementos (Abreu, 2000; Alarcão & Sousa, 2007; Peixoto, 2001; Silvestre, 2003; Simões, 2002) constata-se que: seis dos sujeitos apresentam uma rede pequena (1-12) (28.6%), oito uma rede média (13-20) (38.1%), e sete uma rede grande (≥ 21) (33.3%) (cf. Tabela 4).

No pós migração, o tamanho médio da rede dos migrantes é de 22.33 elementos, variando entre 7 e 58 ($DP = 12.87$). Constata-se ainda que dois dos migrantes apresentam uma rede pequena (1-12) (9.5%), 11 uma rede média (13-20) (52.4%), e oito uma rede grande (≥ 21) (38.1%) (cf. Tabela 4).

A análise da comparação do tamanho das redes registou uma diferença estatisticamente significativa no tamanho das RSP's antes ($M = 18.81$, $DP = 8.97$) e depois da migração ($M = 22.33$, $DP = 12.87$); $t(20) = -2.865$, $p = .010$, evidenciando a superioridade do tamanho das redes depois da migração.

Tabela 3

Caraterísticas estruturais e atributo dos vínculos

Caraterística	Definição
Tamanho	Número total de elementos indicado pelo sujeito. As redes podem ser pequenas (1-12 elementos), médias (13-20 elementos) (Abreu, 2000; Alarcão & Sousa, 2007; Peixoto, 2001; Silvestre, 2003; Simões, 2002) ou grandes (≥ 21 elementos).
Composição	Proporção de elementos da rede em cada um dos quadrantes. As redes podem ser amplas ou localizadas. No presente estudo considerou-se uma rede ampla quando houve registo de elementos em três ou mais quadrantes, e rede localizada quando houve registo em apenas um ou dois quadrantes.
Densidade	Ligação entre os elementos da rede, independentemente do sujeito inquirido. Considera-se uma rede coesa aquela em que a maioria dos elementos está fortemente interligada; uma rede fragmentada aquela em que há grupos de pessoas que se conhecem entre si mas não entre os grupos; uma rede dispersa aquela em que há elementos isolados que conhecem apenas o sujeito inquirido (Guay, <i>s.d.</i> citado em Alarcão & Sousa, 2007).
Dispersão	Distância geográfica a que residem os elementos da rede.
Frequência de contactos	Frequência de contacto com os elementos da rede.

4.1.2. Composição

4.1.2.1. Análise descritiva e comparativa da composição da RSP pré e pós migração

Em relação à distribuição dos membros da rede por cada um dos quadrantes da rede, antes da migração verifica-se por ordem decrescente que: o quadrante da família é aquele que apresenta um maior número de elementos

($M = 9.57$, $DP = 4.94$), seguindo-se o quadrante dos amigos ($M = 6.52$, $DP = 4.58$), o quadrante dos colegas de trabalho/estudo ($M = 1.33$, $DP = 1.99$) e, por fim, o quadrante dos vizinhos ($M = 0.86$, $DP = 1.15$) e da comunidade ($M = 0.43$, $DP = 0.68$). No que se refere à proporção do número de elementos em cada um dos três círculos de intimidade, constata-se por ordem decrescente que: o círculo interior é o mais preenchido ($M = 13.67$, $DP = 6.37$), seguido do círculo intermédio ($M = 3.81$, $DP = 4.51$) e, por fim, o círculo exterior ($M = 1.14$, $DP = 1.77$). Antes da migração, constata-se ainda que 10 sujeitos têm redes amplas (47.6%) e 11 têm redes localizadas (52.4%) (cf. Tabela 4).

Nos mapas depois da migração, verifica-se por ordem decrescente que: o quadrante da família se mantém o mais numeroso ($M = 11.38$, $DP = 5.76$), seguindo-se o quadrante dos amigos ($M = 8.19$, $DP = 6.90$), os colegas ($M = 1.33$, $DP = 2.46$), o dos vizinhos ($M = 0.62$, $DP = 1.20$) e, por fim, o quadrante da comunidade ($M = 0.19$, $DP = 0.51$). Face à proporção de cada círculo, observa-se por ordem decrescente que: o círculo interior é o que contempla um maior número de elementos ($M = 14.67$, $DP = 9.68$), seguido do círculo intermédio ($M = 4.67$, $DP = 4.35$) e, por último, o círculo exterior ($M = 2.14$, $DP = 2.83$). Verifica-se também, após a migração, que 8 inquiridos têm redes amplas (38.1%), e 13 têm redes localizadas (61.9%) (cf. Tabela 4).

A comparação da composição das redes dos migrantes pré e pós migração (i.e., número de elementos no quadrante da família, no quadrante das relações comunitárias, no quadrante dos amigos, no quadrante das relações de trabalho/estudo,) revelou diferenças estatisticamente significativas nos valores do quadrante da família antes ($M = 9.57$, $DP = 4.94$) e depois da migração ($M = 11.38$, $DP = 5.76$), $t(20) = -2.740$, $p = .013$; no quadrante da comunidade antes ($M = 0.43$, $DP = 0.68$) e depois da migração ($M = 0.19$, $DP = 0.51$), $t(20) = 2.500$, $p = .021$. Os resultados revelam um aumento no número de elementos no quadrante da família depois da migração e uma diminuição do número de elementos no quadrante da comunidade depois da migração.

4.1.3. Densidade

4.1.3.1. Análise descritiva e comparativa da densidade da RSP pré e pós migração

Antes da migração, os resultados indicam que as redes dos migrantes em estudo tendem a ser coesas ($n = 18$, 85.7%), havendo consideravelmente menos redes fragmentadas ($n = 3$, 14.3%) (cf. Tabela 4).

Já depois da migração, os resultados são semelhantes, havendo uma ligeira diminuição de redes coesas ($n = 16$, 76.2%) e um ligeiro aumento de redes fragmentadas ($n = 5$, 23.8%) (cf. Tabela 4).

Os resultados da análise comparativa, não-paramétrica e paramétrica, revelam não existir diferenças estatisticamente significativas entre a densidade das redes antes e depois da migração.

Tabela 4

As características estruturais pré e pós-migração

Variáveis	Pré-migração		Pós-migração	
	N	%	N	%
Tamanho				
Pequeno	6	28.6	2	9.5
Médio	8	38.1	11	52.4
Grande	7	33.3	8	38.1
Composição				
Ampla	10	47.6	8	38.1
Localizada	11	52.4	13	61.9
Densidade				
Coesa	18	85.7	16	76.2
Fragmentada	3	14.3	5	23.8
Dispersa	-	-	-	-

4.1.4. Análise descritiva da dispersão e frequência de contactos na RSP pós migração

No que interessa à dispersão, os valores médios apresentados de seguida representam a quantidade de elementos que vive a determinada distância do sujeito (i.e., para cada elemento do mapa, o sujeito indicou a que distância vive de si). A análise descritiva permitiu então observar que: 12.71 elementos presentes nas redes dos inquiridos vivem a uma distância superior a 50 km do sujeito focal, 8.33 elementos vivem na mesma casa/bairro/terra, e 1.43 elementos vivem até 50 km do sujeito inquirido.

Relativamente à frequência de contactos, os valores médios reportados de seguida representam a quantidade de elementos com quem os sujeitos falam mediante determinada frequência (i.e., o inquirido respondeu com que frequência comunica com cada elemento do mapa). A análise permite observar que os sujeitos contactam semanalmente com uma média de 7.90 elementos das suas redes; diariamente contactam também em média com 7.90 elementos; mensalmente o valor médio de elementos com quem contactam é 4.67; e por fim, para a frequência de contacto anual, a média é de 2.24 elementos.

4.2. Utilidade, frequência e utilização das TIC's na migração

4.2.1 A utilidade das TIC's na migração

No que respeita à utilidade das TIC's durante o processo migratório, a maioria dos inquiridos considera as TIC's “*bastante úteis*” ($n = 15$, 71.4%)

não havendo nenhum migrante que tenha selecionado a opção de resposta “*nada úteis*” (cf. Tabela 5).

Durante a etapa pré-migração, relativamente à utilidade das TIC’s, para oito inquiridos foi importante pela possibilidade de permitir de forma combinada comunicar com os elementos da rede e preparar pormenores relativos à logística da viagem (38.1%), para sete pela possibilidade de comunicação com a sua rede (33.3%), para quatro foram úteis por motivos logísticos (19.0%), e apenas dois sujeitos apresentam outras respostas (9.5%) (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Medida de utilidade e razões de utilidade das TIC’s

Variáveis	Amostra Total	
	N	%
Utilidade na etapa pré-migração		
Nada úteis	-	-
Um pouco úteis	1	4.8
Mais ou menos úteis	-	-
Muito úteis	5	23.8
Bastante úteis	15	71.4
Razões da utilidade na etapa pré-migração		
Comunicação com a RSP	7	33.3
Logística	4	19.9
Comunicação e logística	8	38.1
Outro	2	9.5
Utilidade na etapa pós-migração		
Nada úteis	1	4.8
Um pouco úteis	1	4.8
Mais ou menos úteis	4	19.0
Muito úteis	7	33.3
Bastante úteis	8	38.1
Razões da utilidade na etapa pós-migração		
Comunicação com a RSP	11	52.4
Língua e cultura	5	23.8
Orientação geográfica	8	38.1
Logística	9	42.9

No que se refere à utilidade das TIC’s na etapa pós-migração, oito sujeitos consideram as TIC’s “*bastante úteis*” no processo de inclusão e adaptação ao país de destino (38.1%), sete consideram “*muito úteis*” (33.3%), quatro consideram “*mais ou menos úteis*” (19.0%), um considera “*um pouco úteis*” (4.8%), e um considera “*nada úteis*” (4.8%). Ainda a este respeito, os resultados mostram que para 11 inquiridos as TIC’s foram importantes pela

possibilidade de comunicação com a sua rede (52.4%), oito migrantes apontaram as aplicações de orientação geográfica (e.g., *Google maps*) como úteis no processo de adaptação a Portugal (38.1%), para cinco são úteis através da utilização de aplicações que facilitam a aprendizagem da língua portuguesa/cultura (23.8%), e para nove migrantes as TIC's são úteis por motivos logísticos (19.0%) (cf. Tabela 5).

4.2.2. Análise descritiva e comparativa da frequência e tipo de utilização das TIC's no pré e pós migração

Oito migrantes consideram que a utilização das TIC's não mudou pré e pós migração (38.1%), cinco consideram que mudou a frequência de utilização (23.8%), quatro referem ter mudado a forma de utilização (19.0%) e, por fim, quatro inquiridos dizem ter mudado a forma e a frequência de utilização das TIC's (19.0%) (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Percepção da mudança de utilização das TIC's pré e pós migração

Variáveis	Amostra Total	
	N	%
Utilização das TIC's pré e pós-migração		
Não mudou	8	38.1
Mudou a frequência	5	23.8
Mudou a forma	4	19.0
Mudou a forma e frequência	4	19.0

De acordo com os resultados obtidos, antes da migração os sujeitos inquiridos reportam comunicar tanto presencialmente como com recurso às TIC's. A totalidade da amostra registou que comunicava com a sua rede através de chamadas de áudio (100%), presencialmente (95.2%), mensagens de texto e serviço de mensagens curtas (*SMS*) (90.5%), chamadas de vídeo (85.7%), *chat* (e.g., *Messenger*) (85.7%), *sites* de redes sociais (e.g., *Facebook*, *instagram*) (38.1%) e *e-mail* (23.8%) (cf. Tabela 7).

Depois da migração, os migrantes reportam comunicar também presencialmente e recorrendo às TIC's: chamadas de áudio (100%), presencialmente (95.2%), chamadas de vídeo (95.2%), mensagens de texto e serviço de mensagens curtas (*SMS*) (95.2%), *chat* (e.g., *Messenger*) (95.2%), *sites* de redes sociais (e.g., *Facebook*, *instagram*) (76.2%), e *e-mail* (19.0%) (cf. Tabela 7).

O teste *t* para amostras emparelhadas foi realizado para comparar o tipo de utilização das TIC's pré e pós migração. Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa nos valores para o uso de *sites* de redes sociais antes da migração ($M = 0.38$, $DP = 0.50$) e depois da migração ($M = 0.76$, $DP = 0.44$); $t(20) = -2.961$, $p = .008$. Os resultados sugerem um aumento do uso de *sites* de redes sociais para comunicar com os elementos da rede no pós-migração.

Tabela 7

Meios utilizados pelos/as migrantes para comunicar com a sua RSP

	Pré-migração (%)	Pós-migração (%)
Presencialmente	95.2	95.2
Chamada de áudio	100	100
Chamada de vídeo	85.7	95.2
SMS	90.5	95.2
Chat	85.7	95.2
Sites de redes sociais	38.1	76.2
E-mail	19.0	19.0

4.3. Análise da associação entre características das RSP's atuais e a utilidade e frequência da utilização das TIC's

Conforme referido anteriormente, o coeficiente de correlação de *Spearman*⁶ foi calculado para avaliar a relação entre as características e atributo dos vínculos (i.e., tamanho, composição, dispersão e frequência de contactos) das redes depois da migração e as medidas de utilidade e frequência de utilização dos tipos de TIC's.

De acordo com os resultados obtidos, registam-se duas correlações significativas: a primeira entre o número de elementos do quadrante da comunidade e a frequência de utilização de SMS utilizadas para comunicar com a rede atual, $r_s = -.607$, $p = .004$. Ou seja, o número de elementos do quadrante da comunidade correlaciona-se negativamente com a frequência de utilização de aplicações de texto e SMS utilizadas, sugerindo que quanto maior o número de elementos no quadrante da comunidade, menor a utilização de aplicações de texto e SMS; A segunda correlação significativa foi encontrada entre a frequência de contactos diários e a medida de utilidade das TIC's no processo migratório, $r_s = .538$, $p = .012$. Ou seja, a frequência de contactos diários correlaciona-se positivamente com a medida de utilidade das TIC's no processo migratório percebida pelos inquiridos, revelando que quanto maior a frequência de contactos diários, maior a utilidade das TIC's durante o processo de migração.

5 - Discussão

A presente investigação procura perceber, através da construção e análise dos Mapas de Rede Social Pessoal (Sluzki, 1996) de uma amostra de migrantes venezuelanos a residir em Portugal, eventuais transformações nas RSP's pré e pós migração, o tipo e frequência de utilização das TIC's pré e pós migração e, por fim compreender as inter-relações entre as RSP's e a utilização das TIC's.

Ao longo da revisão bibliográfica, a heterogeneidade da amostra é

⁶ Apesar de realizado o teste paramétrico equivalente, teste de correlação de *Pearson*, os resultados não foram semelhantes. Assim, e conforme explicado no ponto 3.4., optou-se por reportar os resultados das análises não-paramétricas.

apontada como uma limitação para os estudos realizados na área das migrações (Acharya, 2016). Assim, a escolha da amostra num contexto específico (Portugal) com uma população homogénea (recolhida junto de uma comunidade luso-venezuelana) pretende contornar essa limitação, procurando resultados válidos que possam ser reproduzidos em contextos semelhantes.

Num primeiro nível de análise, referente às características estruturais e atributo dos vínculos da rede, os resultados obtidos relativos ao tamanho sugerem que as redes dos migrantes venezuelanos são sobretudo médias e grandes antes e após a migração, registando-se um aumento significativo do tamanho das RSP's no pós-migração. Ainda a este respeito, é importante salientar que também se verifica uma percentagem de redes pequenas (28.6%) não desprezável e que no pós migração surgem tendencialmente menos redes pequenas (9.5%). Os participantes mostraram de forma transversal, desde o início, a elevada dimensão das suas redes, tecendo comentários, ao longo da tarefa sobre o quão difícil é fazer uma lista de tantas pessoas significativas. Um estudo de Sousa e Alarcão (2007), com migrantes de Leste em Portugal, reporta resultados que sugerem que as redes são tendencialmente pequenas ou médias, e não grandes, contrariamente ao que se verifica no presente estudo. As diferenças encontradas podem estar relacionadas com as diferenças culturais dos povos, que influenciam a forma como os indivíduos estabelecem relações, havendo autores que sublinham a importância de não perder de vista as distintas culturas e valores no contexto da migração (Sluzki, 1979). Apesar da escassez de estudos que analisem o tamanho da rede em contexto de migração, há um estudo com adultos perto da reforma e na reforma que reitera a importância do tamanho das redes neste contexto (Jurkuvėnas, Zamalijeva, Pakalniškienė, Kairys, & Bagdonas, 2017).

No que se reporta à composição das redes dos migrantes, tanto no mapa pré como no mapa pós migração, o quadrante mais representativo é o quadrante da família, seguido do quadrante dos amigos, colegas de trabalho/estudo, vizinhos e finalmente da comunidade. No presente estudo verifica-se também um aumento significativo do número de elementos no quadrante da família, e uma diminuição no quadrante da comunidade no pós migração. Tanto quanto foi possível verificar, não há estudos que analisem comparações entre o pré e pós migração, tendo como pano de fundo a composição das redes. Um fator relevante, e que pode justificar os resultados obtidos no que se refere ao aumento significativo do número de elementos no quadrante da família pré e pós migração, é o facto de 61.9% da amostra dos participantes ser luso-venezuelana. Ou seja, provavelmente em muitos destes casos a migração conduziu a um reforço das relações com familiares de origem portuguesa, alargando assim a composição deste quadrante da rede. Já a diminuição significativa do número de elementos no quadrante da comunidade (e.g., serviços de saúde, cabeleireiro) pode justificar-se pela possível dificuldade em manter laços de natureza formal à distância. Sousa e Alarcão (2007), no seu estudo com migrantes de Leste, reportam igualmente o quadrante da família como sendo aquele que contém mais elementos, seguido do quadrante dos amigos, colegas de trabalho/estudo, vizinhos e comunidade. Ainda a este propósito, há autores (Knight, Thompson, & Lever, 2017) que referem, no que interessa à composição das redes, que no início da

migração, a presença de família e amigos nas redes pode facilitar o processo.

Relativamente à densidade, os resultados da presente investigação sugerem que não há uma alteração significativa no pré e pós migração, sendo certo que maioritariamente as redes dos migrantes venezuelanos que compõem a amostra são coesas pré e pós migração. Não foram encontrados, na revisão da literatura, estudos que analisem esta característica das redes no contexto da migração. Há, contudo, um estudo em contexto de hospitalização de jovens adultos no qual os autores reforçam a hipótese de que uma rede moderadamente coesa pode ser preferível por ser possível a sua manutenção em situações de *stress* (Dozier, Harris, & Bergman, 1987), como é o caso do contexto de migração. Uma possível justificação dos resultados evidenciados, prende-se mais uma vez com a influência de eventuais características culturais que possam aumentar naturalmente a densidade das redes. Neste sentido, a coesão, que reflete um número elevado de ligações entre os elementos da rede independentemente do sujeito principal, pode até ser percebida na forma como os participantes receberam os investigadores aquando da aplicação do protocolo, criando uma ligação imediata investigador-participante e com uma postura muito aberta, calorosa e colaborante, presumivelmente reveladora de alguns dos traços dos venezuelanos. No contexto venezuelano, muitos indivíduos utilizam inclusive a expressão “pana” para se referirem a elementos próximos de si. A maior parte dos participantes revela como muito frequente os elementos da rede conhecerem-se uns aos outros, parecendo até invulgar tal não se verificar.

No que refere à dispersão, os resultados sugerem uma concentração nos extremos, isto é, os elementos das redes dos migrantes vivem maioritariamente a uma distância superior a 50 km e/ou vivem na mesma casa/bairro/terra. Este dado é especialmente importante se considerarmos que há estudos que indicam a proximidade física dos elementos da rede como uma variável significativa na resposta a situações de *stress*. Nomeadamente, há um estudo com sobreviventes do furacão Katrina que revela a importância da proximidade física para a recuperação a longo prazo em situações de crise (Morris & Deterding, 2016).

A propósito dos resultados da frequência de contactos, os migrantes inquiridos contactam diariamente e semanalmente com um maior número de elementos da sua rede, comparativamente ao número de elementos que são contactados mensalmente ou anualmente. A frequência de contactos que se verifica, expressa numa maior regularidade, pode ser a forma de estes migrantes se manterem próximos de pessoas que ficaram no país de origem no contexto de migração. Neste sentido, há um estudo que indica que a frequência de contactos importa durante o processo migratório (Benítez, 2006).

No segundo nível de análise, relativo à utilização das TIC's na migração é possível constatar, a propósito da utilidade das TIC's no pré e pós migração, que a maioria dos participantes da amostra considera as TIC's “bastante úteis” e “muito úteis”, havendo apenas um sujeito que indica “nada úteis”. Em relação às razões da utilidade, verifica-se que os migrantes recorrem à utilização das TIC's com o propósito de manter as ligações familiares e de amizade com elementos que ficaram no país de origem e simultaneamente

facilitar a inclusão e adaptação ao país de destino (e.g., orientação geográfica no país de destino). Estes resultados são corroborados por Acharya (2016), que defende que as TIC's em contexto de migração são maioritariamente utilizadas para o cumprimento das duas motivações supramencionadas. Porém, no que concerne à adoção ou não das TIC's, o autor também identifica um conjunto de fatores correlacionados com a sua adoção (i.e., idade, cultura, educação, rendimento, língua, capacidade de uso, e postura perante as TIC's) que não são controlados na presente investigação. Os resultados sugerem ainda, no pós-migração, um aumento do uso de *sites* de redes sociais para comunicar com os elementos da rede. No que refere à utilização de *sites* de redes sociais, alguns autores indicam que é um fenómeno global que está a aumentar (Kuss & Griffiths, 2011; Veiga et al., 2019). Particularmente no contexto da migração, Bucholtz (2019), num estudo recente com migrantes da Letónia, revela que os migrantes usam *sites* de redes sociais para manter contacto com amigos e familiares no país de origem e também para alargar a rede com a finalidade de aceder a informação relevante. Ainda neste enquadramento, Falicov (2007) sugere que a virtualização da presença (de pessoas geograficamente distantes) facilitada pelas TIC's as torna consequentemente numa ferramenta poderosa. Estas transformam-se num fator de equilíbrio por permitirem conversas que não são condicionadas pela geografia e outros fatores que nos estratificam rigidamente (Bacigalupe, 2011).

Finalmente, num terceiro nível de análise, são cruzadas as características das redes com a utilidade e frequência de utilização das TIC's, e tanto quanto é possível verificar na revisão da literatura, são inexistentes os estudos que abordam este cruzamento. A este propósito, um primeiro resultado do presente estudo sugere que quanto maior o número de elementos no quadrante da comunidade na rede atual, menor a utilização de aplicações de *SMS*. Desta forma, hipotetizamos que um maior número de elementos na comunidade pode diminuir o isolamento e falta de ocupação do indivíduo, refletindo-se numa possível diminuição da necessidade de comunicar através de *SMS*. Um segundo resultado estatisticamente significativo sugere que quanto maior a frequência de contactos diários com os elementos da rede, maior a perceção de utilidade das TIC's durante o processo de migração (e.g., para tratar de pormenores logísticos). Assim, pode entender-se, considerando a rede como uma fonte de suporte (Sluzki, 1996), que num momento de crise, estes migrantes percecionem as TIC's como úteis para efetivar o contacto com pessoas durante este período.

Por fim, importa mencionar que o método utilizado na recolha de dados, o Mapa de Rede Social Pessoal (Sluzki, 1996), foi por vezes percebido como valioso, tanto pelos entrevistadores, como pelos migrantes, por permitir reenquadrar e reflectir sobre a experiência da migração, o que corrobora utilidade clínica do próprio instrumento defendida por alguns autores (Sluzki, 2010).

5.2. Limitações e sugestões de estudos futuros

Uma limitação importante deste estudo prende-se com a dimensão

reduzida da amostra ($N = 21$), o que não possibilita a generalização dos dados. Assim, estudos futuros, para além de manterem a preocupação de escolher amostras mais homogêneas/específicas em termos culturais e do tempo de permanência no país de destino, por exemplo, devem procurar abranger amostras de maiores dimensões de modo a poder generalizar os dados.

Outra limitação da presente investigação, prende-se com o facto de apenas terem sido efetuadas análises quantitativas. Neste sentido, há autores que defendem uma abordagem, distinta da do presente estudo, na análise das redes (Ryan & D'Angelo, 2018). Assim, com base em combinações de métodos qualitativos e quantitativos, poderão surgir resultados e reflexões que permitam conceptualizações que cruzem diferentes pontos de vista (Ryan & D'Angelo, 2018). Deste modo, uma recomendação lógica em futuras investigações é a utilização de uma metodologia mista, que permita uma dimensão qualitativa (gráfica) e quantitativa da análise das redes.

Por fim, pode ser pertinente, em estudos futuros, fazer uma análise comparativa entre os sujeitos residentes em Portugal Continental e na Ilha da Madeira, dadas as especificidades de ambos os territórios de destino. Em termos futuros, também se torna relevante desenvolver e/ou utilizar instrumentos validados que permitam avaliar com rigor as variáveis relativas à utilização das TIC's. O facto de não ter sido usada uma escala ou outro indicador validado acerca da utilização das TIC's pode constituir-se também como uma limitação provável do estudo.

6 - Conclusões

Com o presente estudo, procurou contribuir-se para a compreensão no contexto migratório: (1) das transformações nas RSP's pré e pós migração, (2) do tipo e frequência de utilização das TIC's pré e pós migração e, por fim (3) das inter-relações entre as RSP's e a utilização das TIC's.

Os resultados revelaram, no âmbito das características estruturais das redes, um aumento no tamanho das redes dos migrantes, um aumento do número de familiares na composição das redes, assim como a manutenção da coesão das redes no que refere à densidade pós migração. Estas características podem facilitar o processo de migração, na medida em que as redes se podem considerar como fontes de suporte em momentos de crise (Sluzki, 1996).

Relativamente à utilização e utilidade das TIC's, os resultados evidenciaram que as TIC's são reportadas como “bastante úteis” e “muito úteis” pelos sujeitos inquiridos, tanto na etapa pré como pós migração. Os resultados revelaram ainda haver um aumento do uso de *sites* de redes sociais para comunicar com a rede no pós migração. Tal como refere Bacigalupe (2011), as TIC's revelaram-se então um fator de equilíbrio no que toca à manutenção da comunicação entre o sujeito e a sua rede.

Finalmente, os resultados mostraram uma associação negativa entre o número de elementos no quadrante da comunidade e a utilização de *SMS*, e que a frequência de contactos diários com elementos da rede se associa positivamente com a utilidade das TIC's no processo de migração.

Em suma, os resultados permitiram uma análise descritiva e

comparativa entre o pré e pós migração, atendendo às características das RSP's e à forma como os migrantes utilizam e percebem (ou não) como úteis a utilização das TIC's na migração. Por fim, este estudo permitiu ainda desenhar novos percursos para a investigação neste contexto através das limitações que foram identificadas no decorrer do mesmo.

Bibliografia

- Abreu, S. (2000). *Singularidade das redes e redes da singularidade* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Acharya, B. B. (2016). A systematic literature review on immigrants' motivation for ICT adoption and use. *International Journal of E-Adoption*, 8(2), 34–55. doi:10.4018/IJEA.2016070103
- Alam, K., & Imran, S. (2015). The digital divide and social inclusion among refugee migrants: A case in regional Australia. *Information Technology and People*, 28(2), 344–365. doi:10.1108/ITP-04-2014-0083
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M., & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353–376.
- Bacigalupe, G. (2011). Is there a role for social technologies in collaborative healthcare? *Families, Systems and Health*, 29(1), 1–14. doi:10.1037/a0022093
- Bacigalupe, G., & Cámara, M. (2012). Transnational families and social technologies: Reassessing immigration psychology. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(9), 1425–1438. doi:10.1080/1369183X.2012.698211
- Bacigalupe, G., & Lambe, S. (2011). Virtualizing intimacy: ICTs and transnational families in therapy. *Family Process*, 50(1), 12–26. doi:10.1111/j.1545-5300.2010.01343.x
- Bacigalupe, G., & Parker, K. (2017). Conexões transnacionais através de tecnologias emergentes, 94–107.
- Barnes, J. A. (1972). *Social networks*. Boston: Addison-Wesley.
- Benítez, J. L. (2006). Transnational dimensions of the digital divide among Salvadoran immigrants in the Washington DC metropolitan area. *Global Networks*, 6(2), 181–199. doi:10.1111/j.1471-0374.2006.00140.x
- Bilecen, B., Gamper, M., & Lubbers, M. J. (2018). The missing link: Social network analysis in migration and transnationalism. *Social Networks*, 53, 1–3. doi:10.1016/j.socnet.2017.07.001
- Brekke, M. (2008). Young refugees in a network society. In J. O. Bærenholdt

& B. Granås (Eds.), *Mobility and place: Enacting northern european peripheries* (pp. 119–130). London: Routledge.
doi:10.4324/9781315595757-18

Brinkerhoff, J. M. (2009). *Digital Diasporas: Identity and Transnational Engagement*. Washington DC: Cambridge University Press.

Bucholtz, I. (2019). Bridging bonds: Latvian migrants' interpersonal ties on social networking sites. *Media, Culture and Society*, 41(1), 104–119.
doi:10.1177/0163443718764576

Calvo, V. G. (2005). El duelo migratorio. *Revista Trabajo Social*, 7, 77–97.

Dewan, S., & Riggins, F. (2005). The digital divide: Current and future research directions. *Journal of the Association for Information Systems*, 6(12), 298–337. doi:10.17705/1jais.00074

Dozier, M., Harris, M., & Bergman, H. (1987). Social network density and rehospitalization among young adult patients. *Hospital & Community Psychiatry*, 38(1), 61–65.

Engbersen, G., & Dekker, R. (2014). How social media transform migrant networks and facilitate migration. *Global Networks*, 14(4), 401–418.
doi:10.1111/glob.12040

Falicov, C. (2002). Migración, perdida ambigua y rituales. *Perspectivas Sistémicas*, 69, 3–7.

Falicov, C. (2007). Working with transnational immigrants: Expanding meanings of family, community and culture. *Family Process*, 46(2), 157–171. doi:10.1111/j.1545-5300.2007.00201.x

Falicov, C. (2011). Migration and the family life cycle. In M. McGoldrick, N. Garcia-Preto, & B. Carter (Eds.), *The expanded family life cycle: Individual, family and social perspectives* (pp. 336–347). Massachusetts: Allyn & Bacon.

Falicov, C. (2017). Latino/Latinas in couple and family therapy. In J. Lebow, A. Chambers, & D. Breunlin (Eds.), *Encyclopedia of Couple and Family Therapy*. Springer, Cham. doi:10.1007/978-3-319-15877-8

Falicov, C., & Karrer, B. (1976). *Acculturation and family development in Mexican-Americans*. Conferência apresentada no San Francisco Family Forum, São Francisco

Gelfand, D. E., & Kutzik, A. J. (1979). *Ethnicity and aging*. New York: Springer.

Haight, M., Quan-Haase, A., & Corbett, B. A. (2014). Revisiting the digital divide in Canada: The impact of demographic factors on access to the internet, level of online activity, and social networking site usage. *Information Communication and Society*, 17(4), 503–519.
doi:10.1080/1369118X.2014.891633

Hernandez, M., & McGoldrick, M. (1999). Migration and the life cycle. In B.

- Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The Expanded Family Life Cycle. Individual, family and social perspectives* (pp. 169–184). Boston: Alyn & Bacon.
- Imber-Black, E. (1988). *Families and larger systems : A family therapist's guide through the labyrinth*. New York, New York: Guilford Press.
Retirado de <https://trove.nla.gov.au/work/13506050?selectedversion=NBD5622996>
- Ito, M., & Okabe, D. (2005). Technosocial Situations: Emergent structurings of mobile email use. In M. Ito, M. Matsuda, & D. Okabe (Eds.), *Personal, portable, pedestrian: Mobile phones in Japanese life* (pp. 257–276). Cambridge, MA: MIT Press.
- Jurkuvėnas, V., Zamalijeva, O., Pakalniškienė, V., Kairys, A., & Bagdonas, A. (2017). Social network size, personalitu and well-being in preretirement and retirement. *Psichologija*, 55, 7–21. doi:10.15388/psichol.2017.55.10733
- Khvorostianov, N., Elias, N., & Nimrod, G. (2012). “Without it I am nothing”: The internet in the lives of older immigrants. *New Media and Society*, 14(4), 583–599. doi:10.1177/1461444811421599
- Knight, J., Thompson, A., & Lever, J. (2017). Social network evolution during long-term migration: A comparison of three case studies in the South Wales region. *Social Identities*, 23(1), 56–70. doi:10.1080/13504630.2016.1207511
- Komito, L. (2011). Social media and migration: Virtual community 2.0. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 62(6), 1075–1086. doi:10.1002/asi.21517
- Kuss, D. J., & Griffiths, M. D. (2011). Online social networking and addiction - A review of the psychological literature. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 8(9), 3528–3552. doi:10.3390/ijerph8093528
- Lappin, J., & Scott, S. (1982). Intervention with a Vietnamese refugee family. In M. McGoldrick, J. K. Pearce, & J. Giordano (Eds.), *Ethnicity and family therapy* (pp. 483–491). New York: The Guilford Press.
- Madianou, M., & Miller, D. (2013). *Migration and new media*. London: Routledge. doi:10.4324/9780203154236
- McGoldrick, M., & Giordano, J. (1996). Overview: Ethnicity and family therapy. In M. McGoldrick, J. K. Pearce, & J. Giordano (Eds.), *Ethnicity and family therapy* (pp. 1–27). New York: The Guilford Press.
- Mesch, G. S. (2012). Minority status and the use of computer-mediated communication: A test of the social diversification hypothesis. *Communication Research*, 39(3), 317–337. doi:10.1177/0093650211398865
- Morris, K. A., & Deterding, N. M. (2016). The emotional cost of distance: Geographic social network dispersion and post-traumatic stress among

survivors of Hurricane Katrina. *Social Science and Medicine*, 165, 56–65. doi:10.1016/j.socscimed.2016.07.034

- Muñoz, J. C., Colucci, E., & Smidt, H. (2018). Free digital learning for inclusion of migrants and refugees in Europe: A qualitative analysis of three types of learning purposes. *International Review of Research in Open and Distance Learning*, 19(2), 1–21. doi:10.19173/irrodl.v19i2.3382
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual : A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12)*. Crows Nest, NSW, Australia: Allen & Unwin.
- Peixoto, L. (2001). *Os ciganos e a sua rede social pessoal: Estudo exploratório de uma amostra residente em Braga* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Queiroz, A. H. (2008). *Migração familiar: Da quebra à reconstrução das redes sociais significativas* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal de Santa Catarina. Retirado de <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103332>
- Ryan, L., & D'Angelo, A. (2018). Changing times: Migrants' social network analysis and the challenges of longitudinal research. *Social Networks*, 53, 148–158. doi:10.1016/j.ahj.2018.03.013
- SEF. (2018). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2017*.
- SEFSTAT. (2018). População Estrangeira Residente em Portugal. Retirado de <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Selsky, C., Luta, G., Noone, A. M., Huerta, E. E., & Mandelblatt, J. S. (2013). Internet access and online cancer information seeking among Latino immigrants from safety net clinics. *Journal of Health Communication*, 18(1), 58–70. doi:10.1080/10810730.2012.688248
- Silvestre, J. (2003). *Vinculação, rede social pessoal e psicopatologia no 1º ano do ensino superior* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Simões, D. (2002). *Rede social pessoal e RMG: Estudo exploratório de duas amostras socialmente desfavorecidas* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Sluzki, C. E. (1979). Migration and family conflict. *Family Process*, 18(4), 379–390. doi:10.1111/j.1545-5300.1979.00379.x
- Sluzki, C. E. (1992). Disruption and reconstruction of networks following migration relocation. *Family Systems Medicine*, 10(4), 359–365.
- Sluzki, C. E. (1996). *La red social : frontera de la práctica sistémica*. Barcelona: Gedisa.
- Sluzki, C. E. (1998). Migration and the disruption of the social network. In

Monica McGoldrick (Ed.), *Re-Visioning Family Therapy: Race, Culture and Gender in Clinical Practice*. New York: Guilford Press.

- Sluzki, C. E. (2010). Personal social networks and health: Conceptual and clinical implications of their reciprocal impact. *Families, Systems and Health, 28*(1), 1–18. doi:10.1037/a0019061
- Sousa, L., & Alarcão, M. (2007). Quem apoia os imigrantes de Leste em Portugal? Um estudo exploratório das suas redes sociais pessoais. *Psychologica, 45*, 171–193.
- Spaiser, V. (2013). Young immigrants' internet political participation in Germany: Comparing german east europeans and german turks. *International Journal of E-Politics, 4*(1), 1–17. doi:10.4018/jep.2013010101
- Staszewski, J., Slomska, J., Muir, C. S., & Jain, D. K. (1970). Sources of demographic data on migrant groups for epidemiological studies of chronic diseases. *Journal of Chronic Diseases, 23*(5–6), 351–373. [https://doi.org/10.1016/0021-9681\(70\)90019-6](https://doi.org/10.1016/0021-9681(70)90019-6)
- Tsai, J. H.-C. (2006). Use of computer technology to enhance immigrant families' adaptation. *Journal of Nursing Scholarship, 38*(1), 87–93. doi:10.1111/j.1547-5069.2006.00082.x
- Uebel, R. R. G., & Abaide, J. P. (2018). Migrantes e famílias transnacionais na américa do sul: Tendências contemporâneas. *Século XXI: Revista de Ciências Sociais, 8*(1), 47–74. doi:10.5902/2236672535667
- Veiga, G. F. da, Sotero, L., Pontes, H. M., Cunha, D., Portugal, A., & Relvas, A. P. (2019). Emerging adults and facebook use: The validation of the Bergen Facebook Addiction Scale (BFAS). *International Journal of Mental Health and Addiction, 17*(2), 279–294. doi:10.1007/s11469-018-0018-2
- Vernon, A., Deriche, K., & Eisenhauer, S. (2016). *Connecting refugees: How internet and mobile connectivity can improve refugee well-being and transform humanitarian action*. Geneva: UNHCR.

Anexos

Anexo A – Carta convite e consentimento informado

Caro/a Participante:



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

FACULDADE
DE PSICOLOGIA E DE
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



ces Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Un equipo de investigadores de la Facultad de Psicología y Ciencias de la educación de la Universidad de Coimbra, del Centro de Estudios Sociales (CES) y de la Universidad de Madeira está a desarrollar un proyecto de investigación intitulado **“Comunidad Luso-Venezolana en Portugal: Perspectiva macro, meso y micro sistémica de los procesos de adaptación de los movimientos migrat6rios”**. Este proyecto incluye varios estudios cuya intenci6n es analizar el funcionamiento familiar, los procesos identitarios y las narrativas/historias de adaptaci6n de los migrantes luso- venezolanos a la Isla de Madeira y en Portugal continental, y el impacto de las tecnologias de informaci6n y comunicaci6n (TIC) en las redes sociales personales de migrantes antes y despu6s de la migraci6n.

Para se poder hacer esta investigaci6n **su colaboraci6n es en efecto importante**. Las informaciones necesarias para el estudio ser6n recogidas mediante entrevistas, cuestionarios y un registro de sus datos sociodemograficos. Estos datos son muy importantes para dar visibilidad y permitir una mejor comprensi6n de las diferentes v6as de los migrantes en el proceso de adaptaci6n a Portugal, desarrollando formas de intervenci6n que faciliten la integraci6n de los migrantes.

Todas las informaciones son **confidenciales**, siendo utilizadas en exclusivo para la investigaci6n. Su participaci6n es **completamente voluntaria** y en cualquier momento podr6 rechazar su continuidad el la participaci6n, sin consecuencias para Usted. Si tiene alguna duda sobre su participaci6n, puede contactar el equipo responsable a trav6s del correo eletr6nico **eim.projeto@gmail.com**.

Todo el equipo de investigaci6n reconoce su contributo como fundamental, y le d6 las gracias por su disponibilidad em participar.

CONSENTIMIENTO INFORMADO

Si No

Data: / / Assinatura:

El equipo de investigaci6n: Alda Portugal, Ana Paula Relvas, Cristiano Gianolla, 6rica Fernandes, Maria Dias, Maria Jo6o Beja, Maria Luz Moya, Luciana Sotero e William Figueira.

Anexo B – Mapa de Rede Social Pessoal

